Caracteres distintivos da geografia

Paul Vidal de la Blache

Tradutor: José Braga

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/7119>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.7119

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Refêrencia eletrónica

Paul Vidal de la Blache, «Caracteres distintivos da geografia», *Terra Brasilis* [Online], 14 | 2020, posto online no dia 31 dezembro 2020, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/7119> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.7119>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

Caracteres distintivos da geografia

Paul Vidal de la Blache

Tradução : José Braga

NOTA DO EDITOR

Apresentamos o texto “Caracteres distintivos da geografia” de Paul Vidal de la Blache, originalmente publicado como “Des caractères distinctifs de la géographie” no periódico *Annales de Géographie* (tome 22, n. 124, 1913, pp. 289-299), em tradução de José Braga do Centro Inter Universitário de História da Ciência e da Tecnologia (Faculdade de Ciências-Universidade de Lisboa). Confira neste mesmo número da *Terra Brasilis* o comentário do texto elaborado por Guilherme da Silva Ribeiro.

- 1 Chamado a falar de geografia perante um auditório de futuros mestres formados nos métodos científicos, mas preparando-se para vários tipos de ensino, perguntei-me, não sem dificuldade, qual era, entre as questões que levanta tal assunto, aquela que convinha melhor à circunstância.¹ Fiquei impressionado, ao refletir, pelos mal-entendidos que reinam sobre a própria ideia de geografia. No grupo das ciências naturais, ao qual está ligada sem dúvida alguma, tem um lugar à parte. As suas afinidades não excluem diferenças sensíveis. Ora, é sobretudo sobre essas diferenças que as ideias são imprecisas. Pareceu-me que tentando iluminar essa questão, quer dizer, dedicando-me a especificar o que distingue a geografia, respeitarei a intenção que preside estas conferências. A pedagogia é uma disciplina de coordenação e relações; não deveria ser considerada como um tipo de filosofia abarcando numa visão de conjunto o que contribui para a formação do espírito?
- 2 A geografia é obrigada a recorrer às mesmas fontes de fatos que a Geologia, a Física, as ciências naturais e, de certa forma, as ciências sociológicas. Serve-se de noções das quais algumas são objetos de estudos aprofundados das ciências vizinhas. Daí vem, diga-se de passagem, a crítica que lhe é por vezes dirigida de viver de empréstimos, de intervir desrespeitosamente no campo de outros, como se existissem compartimentos reservados no domínio da ciência. Evitemos atribuir a essas críticas a importância que

os seus autores sem dúvida não lhes atribuem. Na realidade, como veremos, a geografia possui um domínio que lhe é próprio. O essencial é considerar que uso ela faz dos dados sobre os quais se debruça. Aplica-lhes os métodos que lhe pertencem? Traz pontos de vista a partir dos quais os fatos possam aparecer numa perspectiva especial, que os mostre sob um ângulo novo? Essa é a questão. Na complexidade dos fenômenos que se entrecruzam na natureza, não deve existir apenas uma maneira de abordar o estudo dos fatos; é útil que eles sejam considerados sob ângulos diferentes. E se a geografia aborda à sua maneira certos dados que possuem um outro rótulo, não existe nada nessa apropriação que possamos acusar de anticientífico.

I. A unidade terrestre

- 3 A geografia compreende por definição o conjunto da Terra. Esse foi o mérito dos matemáticos-geógrafos da Antiguidade, Eratóstenes, Hiparco, Ptolomeu, colocar em princípio a unidade terrestre,² fazer prevalecer esta noção acima das descrições empíricas de áreas. É sobre essa base que a geografia pôde desenvolver-se como ciência. A ideia de correspondência, de solidariedade entre os fenômenos terrestres, penetrou assim e tomou corpo, muito lentamente é verdade, porque se procurava apoiá-la sobre fatos e não sobre simples hipóteses. Quando, no início do século XIX, Alexandre de Humboldt e Carl Ritter se tornaram os iniciadores do que se chamava então a geografia comparada, eles se guiavam de acordo com uma visão geral do globo; e é como tal que a sua impulsão foi fecunda.
- 4 Todos os progressos realizados desde então no conhecimento da Terra corresponderam a aperfeiçoar esse princípio de unidade. Se existe um domínio onde ele se manifesta com excelente clareza, é o das massas líquidas que cobrem os três quartos do globo e do oceano atmosférico que o envolve. Nos movimentos da atmosfera, escreve o meteorologista Dove, “nenhuma parte se pode isolar, cada uma age sobre a sua vizinha”. É assim que se repercutindo aí, as borrascas formadas ao redor da Terra Nova aproximam-se das costas da Europa ocidental e, por consequência, do norte do Mediterrâneo; e se as perdemos de vista em seguida é porque a sua marcha escapa aos observatórios, não há dúvidas que a série das repercussões prossegue. As partes do oceano são postas em comunicação íntima por uma circulação de fundos e superfície. “Quum Oceanus movetur, totus movetur”, escrevia já Bernard Varenius.
- 5 A parte sólida do globo não sofre menos a ação de uma dinâmica geral. O conjunto dos fatos tectônicos que as explorações realizadas nas diversas partes da Terra puseram em relevo, mostra tal coordenação que Édouard Suess pôde edificar sobre eles uma síntese, ideia que anteriormente parecia quimérica. O conhecimento das regiões polares promete-nos, enfim, novos exemplos de correspondência e de correlação que esclarecerão, sem dúvida, de uma nova perspectiva a gênese dos fenômenos.
- 6 Esta ideia de unidade é sem dúvida comum a todas as ciências que abordam a física terrestre, tal como aquelas que estudam a repartição da vida. A insolação, a evaporação, o calor específico da terra e da água, as mudanças de estado do vapor de água, etc., esclarecem-se pela comparação recíproca das diversas partes do globo. A lei da gravidade domina toda a diversidade das formas de erosão e manifesta-se assim na sua plenitude. Toda a espécie viva está numa tensão perpétua de esforços para adquirir ou defender um espaço que lhe permite subsistir, e isso serve de guia ao naturalista. O conhecimento desses fatos, que, em ordens diversas e em graus diferentes, contribuem

para fixar a fisionomia da Terra, resulta de um conjunto de observações em que cada parte do globo deve, tanto quanto possível, dar o seu testemunho. Cada ciência realiza a esse respeito a tarefa que lhe é própria; mas não se pode dizer que ela substitui nisso o papel da geografia: é então este papel que se trata de precisar.

II. A combinação dos fenômenos

- 7 Não sei fazê-lo melhor do que pedindo emprestado ao autor de uma das melhores obras que foram publicadas sobre climatologia, o professor J. Hann, os termos dos quais se serve para estabelecer a distinção entre a meteorologia e o estudo dos climas: “aquela, diz ele, é de natureza mais descritiva; tem por objeto dar ao leitor uma imagem tão viva quanto possível da ação combinada de todos os fenômenos atmosféricos sobre uma parte da Terra”.³ Pode-se dizer, generalizando essa observação, que a geografia, inspirando-se como as ciências vizinhas na ideia de unidade terrestre, tem por missão especial investigar como as leis físicas ou biológicas que regem o globo, se combinam e se modificam aplicando-se às diversas partes da superfície. Ela as segue em suas combinações e interferências. A Terra fornece-lhe para isso um campo quase inesgotável de observações e de experiências. Ela tem por função especial estudar as expressões mutáveis que a fisionomia da Terra assume consoante os lugares.
- 8 Notemos, antes de ir mais longe, que esta combinação é a própria forma sob a qual os fenômenos surgem na natureza. A geografia é solicitada para as realidades. “Na natureza, disse Buffon, a maior parte dos efeitos dependem de diversas causas diferentemente combinadas”. Com mais precisão ainda, o pensador eminente, muito atento aos fenômenos geográficos, que foi Henri Poincaré, exprime-se assim num dos seus últimos escritos: “O estado do mundo, e mesmo de uma muito pequena parte do mundo, é qualquer coisa de extremamente complexo e que depende de um número muito grande de elementos”. A exatidão dessas visões nos toca, qualquer que seja a componente da geografia que consideremos. O modelado do solo resulta do conflito entre as energias que os agentes erosivos dispõem para o ataque e a força de resistência que lhes opõem as rochas; mas esse conflito se exerce sobre um campo que já foi redesenhado no curso do tempo, e que o ainda é incessantemente, conforme as modificações dos níveis de base e as oscilações do clima. Aquilo que se chama clima de uma área é uma média para a qual contribuem a temperatura, a umidade, a luminosidade, os ventos; mas a avaliação desses diversos elementos só daria uma ideia muito incompleta, se não se averiguasse de que forma eles se combinam, não apenas entre eles, mas com o relevo, a orientação, as formas do solo, a vegetação e até mesmo as culturas. Vê-se, por exemplo, o máximo sazonal de calor coincidir com o máximo de umidade? Todos os caracteres de um certo tipo de clima, o do sul do Mediterrâneo, surgem perante o espírito. Outros tipos, com múltiplas nuances, correspondem, pelo contrário, aos diversos regimes de chuvas de verão.
- 9 A diversidade de elementos a considerar não é menor no domínio dos seres vivos. A vegetação de uma área é um conjunto compósito, no qual se distinguem plantas de proveniências diversas: umas invasoras, outras refugiadas, outras que são legados de climas anteriores, outras que resultam das culturas do homem. Tudo indica também, à medida que se avança no exame e na análise das faunas regionais, o seu carácter compósito. As migrações, cujo significado e as datas nos escapam amiúde, afetaram os grupos de seres vivos, incluindo-se aí os homens; e é dos seus restos que se formaram,

nas diversas áreas onde se puderam concentrar, os ocupantes que aí encontramos. Enquanto as classificações linguísticas nos dão a ilusão de grandes grupos humanos, os indícios que fornecem a antropologia e a pré-história concordam em mostrar a diversidade das raças que, à maneira de aluviões sucessivos, formaram a maior parte dos nossos povoamentos.

- 10 A análise desses elementos, o estudo das suas relações e das suas combinações, compõem a trama de toda a investigação geográfica. Já não se coloca a questão, a partir desse ponto de vista, de uma antinomia em princípio entre dois tipos de geografia: uma que, sob o nome de geografia geral, seria a sua parte verdadeiramente científica; e outra que se dedicaria, sem outro fio condutor que uma curiosidade superficial, à descrição de áreas.⁴ Seja qual for a perspectiva que se adote, são os mesmos fatos gerais, nos seus encadeamentos e sua correlação, que se impõem à atenção. Essas causas, se é permitido usar tal palavra ambiciosa, geram, combinando-se, as variedades sobre as quais a geografia trabalha: quer seja propor-se a determinar os tipos de clima, formas de solo, de habitat, etc., como faz quando se trata de geografia geral; quer seja esforçar-se por caracterizar as áreas, descrevê-las, pois o pitoresco não lhe está interdito.

III. As superfícies

- 11 O campo de estudo por excelência da geografia é a superfície; quer dizer o conjunto dos fenômenos que se produzem na zona de contato entre as massas sólidas, líquidas e gasosas que constituem o planeta. Esse contato é o princípio de inúmeros fenômenos dos quais alguns ainda são apenas suspeitos; age como um reativo para destacar as energias terrestres. A coluna de ar modifica-se sem cessar ao entrar em contato com as superfícies sólidas ou líquidas; e o vapor de água, transportado como resultado dessas oscilações, aumenta, condensa ou precipita conforme o estado térmico das superfícies que encontra. O solo forma relevos por ação dos agentes atmosféricos, não só devido ao contato direto, mas por ação da infiltração. A sua epiderme endurece ou então decompõe-se ao seu contato. O ar e a água penetram então na sua textura enfraquecida; e a terra torna-se, seguindo a expressão de Berthelot, algo vivo. Os micróbios e as bactérias entram em ação; o ácido carbônico dissolve os fosfatos, o óxido de cálcio, o potássio e outros ingredientes que entram no corpo das plantas, e que aí se transformam, sob ação da luz, para servir de alimento a outros seres vivos.
- 12 Sem dúvida que o interior da Terra é a sede de outros fenômenos de transformação, de alcance incalculável. A geografia, contudo, só se interessa por eles indiretamente. Se é quase certo que os enrugamentos e alterações tectônicas, que ganham um aspeto tão marcante em algumas cadeias de montanhas, se formaram em profundidade sob ação de pressões e contrações enormes, esta obra subterrânea só se torna um objeto geográfico quando através da ação combinada dos soerguimentos e das denudações surge à superfície. Toma então lugar entre o relevo, associa-se às outras formas do solo, afeta o modelado daquilo que o rodeia, e torna-se um dos mais importantes agentes sobre o clima, a hidrografia, a vegetação e os homens.
- 13 Entre as superfícies que a geografia estuda, as da litosfera possuem a vantagem de conservar mais ou menos o cunho das modificações que sofreram desde a sua emersão. Apresentam, portanto, um interesse particular e abrem uma nova fonte de aprendizagem. São como um quadro de registos, sob o qual o estado presente das formas mostra a continuação de estados anteriores. Através das formas que pertencem

ao ciclo de evolução presente, discerne-se os traços daquelas que as precederam. Muitas vezes suficientemente claros para que se distinga o grau de evolução que as formas do solo alcançaram, devido às ações da mesma natureza daquelas que ocorrem sob os nossos olhos, quando se inicia um novo ciclo de erosão. Na cadeia das idades, é naturalmente o elo mais próximo, o antecedente imediato, que menos sofreu pela erosão. Transforma-se mais do que é destruído. A obra do passado persiste através do presente como a matéria sobre as quais se exercem as forças atuais. A partir daí estamos em plena geografia.

- 14 Nas áreas que os glaciares quaternários invadiram, os cursos de água não acabaram de erodir os materiais que eles acumularam. Alguns ainda procuram o seu leito através desses materiais, com os quais formam aluviões. Os vales que um clima mais úmido abriu no Saara são, pelo menos aparentemente, formas fósseis: exercem, todavia, uma influência sensível sobre as fontes, os poços, a vegetação, e o vento, apossando-se dos seus aluviões arenosos, aí encontra os materiais das dunas que edifica.
- 15 O aspeto da superfície sólida desvenda-se assim como o resultado de modificações incessantes retocadas ao longo do tempo; representa uma continuidade, e não um estado alcançado de uma vez e atingido instantaneamente. As formas atuais só são inteligíveis se encaradas na sucessão da qual fazem parte. Como explicar, por exemplo, sem recorrer à consideração de um regime de declives anterior, a direção tão paradoxal em aparência desses rios que atravessam, em vez de os contornar, os obstáculos que parecem opor-se à sua passagem? Tudo isso permanecia um enigma, contanto que não tivesse penetrado na ciência, com a ajuda da comparação e da análise, essa noção de evolução das formas que é a sua chave. Pode-se dizer que essa noção domina hoje toda a investigação.

IV. A força do meio e da adaptação

- 16 Se vimos a colocar-nos no estado de espírito do geógrafo, vemo-nos confrontados com fatores de ordem diversa, de proveniência heterogênea, e formando entre eles combinações múltiplas; sentimos que o equilíbrio resultante dessas combinações não tem absolutamente nada de estável, que está à mercê de modificações às quais a multiplicidade dos fatores abre uma ampla margem. Podemos perguntar-nos onde está o princípio diretor que permite edificar sobre esse terreno com aparência movediça métodos que se ajustem, e de tentar ensaios coordenados de descrições terrestres.
- 17 Recorramos assim à observação. O que a observação e a análise encontram nessas superfícies onde se imprimem os fenômenos, não são casos isolados, traços incoerentes, mas grupos de formas obedecendo a uma ação de conjunto, ligados por afinidades, e trabalhando concertadamente para eliminar da superfície o que já não se adequa às condições atuais. Nos locais onde os cursos de água já não possuem a força para desgastar os fragmentos resultantes da erosão das rochas, o próprio aspeto do modelado tem a marca dessa impotência: estreitas margens terrosas encaixando os talwegues, grandes superfícies uniformes acima das quais emergem aqui e ali topos cônicos, compõem uma diversidade de traços que, todavia, convergem, no conjunto clássico da paisagem de região árida. O contraste está completo com o mundo de formas que povoam a superfície, quando a obra de um desnudamento avançado modelou os flancos dos vales, pôs a nu as vertentes das montanhas, dissecou e diversificou as planícies. Nos lugares onde os glaciares passaram, subsiste, pelo menos

provisoriamente, esse conjunto caótico de montículos e de lagos que chamamos paisagem morênica. O nome de aparelho litoral caracteriza uma afluência de formas que, variadas elas mesmas, quase não surgem umas sem as outras: aqui os fiordes dominados por lagos interiores e prolongados em direção ao mar por esta margem povoada de ilhas e recifes que os escandinavos chamaram *Skiärگاard*; acolá, a linha uniforme de lagunas, barras fluviais e cordões litorais. Cada um desses tipos compõe-se de formas em dependência recíproca.

- 18 Acontece o mesmo com a fisionomia da vegetação. A oliveira não personifica sozinha a vegetação mediterrânea, tal como uma andorinha não faz a primavera. O que essa expressão de mediterrâneo evoca é uma multitude de plantas cujas formas têm, por sua variedade, estimulado a imitação artística, mas que coexistem, contudo, num conjunto que a linguagem popular designa sob os nomes de *maquis*, *garrigues* ou outras. É uma das associações características que distingue a ciência botânica.
- 19 Em qualquer lado então encontramos expressões coletivas, umas populares, outras científicas, correspondendo a estes fatos de observação. São suficientes para nos advertir que existe um elo comum entre os diversos elementos cuja complexidade tínhamos reconhecido. De que é formado este elo? É através dessa questão que somos conduzidos à noção de meio; noção cuja aparência vaga leva ao abuso que fazemos dela, mas que, por pouco que se aprofunde, se mostra cheia de ensinamentos.
- 20 É o clima, pode-se dizer de certo modo, que decide a preponderância das formas de desnudação. Mas a explicação é demasiado sumária e essa palavra não dá uma conta adequada e completa dos fenômenos. Vemos, com efeito, que as próprias formas procuram organizar-se entre elas, alcançar um certo equilíbrio. Aqui com a ajuda do vento, acolá com a ajuda das águas correntes, trabalham de acordo com um plano e para um fim determinado; pouco importa de qualquer forma que o atinjam ou que sejam contrariadas na sua ação. As dunas e as areias alinham-se de acordo com uma geometria; realizam uma obra de nivelamento. Cada uma se alonga no sentido da sua vizinha, e tende a ligar-se com a que lhe está à frente. A ravina que, nascida de um riacho, entalha o flanco de uma montanha, origina um conjunto de riachos semelhantes. E quando desse conjunto se formou um curso de água, este trabalha, em concerto com os seus semelhantes, para adaptar o seu perfil a um nível de base comum.
- 21 Se no mundo das formas inanimadas os traços se coordenam, esta adaptação recíproca não é menos sensível entre os seres vivos, mas se exerce diferentemente. As plantas que povoam uma área, os animais aos quais estas plantas servem de alimento, e até certo ponto os próprios grupos humanos que encontram nesse conjunto, nesse “*environnement*”, usando a expressão inglesa, o princípio de um gênero de vida, são compostos de elementos díspares. Nas associações vegetais entram, dissemos, espécies de proveniência e de forma muito diversas. Mas, acima dessas diferenças, domina uma tonalidade geral;⁵ as plantas organizam-se fisiologicamente, mudam de forma para se acomodarem às influências ambientais de uma maneira comum, de acordo com a altitude, as intempéries, a secura, o calor úmido. Não só modificam, seguindo procedimentos diversos e por vezes inesperados, os seus órgãos exteriores, como se combinam de modo a repartir o espaço entre si. Nesses agrupamentos, que são o aspeto normal sob o qual se apresenta e se grava nos nossos olhos a fisionomia da paisagem, cada planta se organizou com as suas vizinhas para ter a sua parte de solo, de luz, de alimento. Os seres associam-se e unem-se, “encontrando vantagem e benefício nas condições determinadas pela presença dos outros”.⁶

- 22 Uma floresta é uma espécie de ser coletivo onde coexistem, numa harmonia provisória e sujeita a modificações, árvores, vegetação de sub-bosque, cogumelos e uma multidão de hóspedes reconhecidos, insetos, térmitas, formigas. Assim, as coisas apresentam-se em grupos organizados, em associações regidas por um equilíbrio que o homem perturba incessantemente ou, conforme os casos, repõe, ao interferir com ele.
- 23 A ideia de meio, nas suas expressões diversas, precisa-se como correlativa e sinônima de adaptação. Manifesta-se através de séries de fenômenos que se encadeiam entre eles e são postos em movimento por causas gerais. É através dela que somos incessantemente conduzidos a essas causas de clima, de estrutura, de concorrência vital, que dão o primeiro impulso a um grande número de atividades especiais das formas e dos seres.

V. O método descritivo

- 24 Pode-se avaliar, através daquilo que vem sendo dito, qual o papel capital jogado em tudo isso pela descrição. A geografia distingue-se como ciência essencialmente descritiva. Não certamente porque renuncia à explicação: o estudo das relações dos fenômenos, do seu encadeamento e da sua evolução, são muitos os caminhos que aí levam. Mas esse mesmo objeto a obriga, mais do que qualquer outra ciência, a seguir minuciosamente o método descritivo. Uma das suas tarefas principais não é localizar as diversas ordens de fatos que lhe concernem, de determinar exatamente a posição que eles ocupam, a área que abrangem? Nenhum indício, nenhuma nuance deve passar despercebida; cada uma possui o seu valor geográfico, seja como dependência, seja como fator, no conjunto que se procura tornar sensível. É necessário então ter em conta cada uma das circunstâncias que as caracteriza e fazer um balanço exato delas. Na rica variedade de formas que a natureza expõe aos nossos olhos, as condições são tão diversas, tão entrecruzadas, tão complexas, que facilmente escapam a quem crê demasiado cedo tê-las apreendido. Deve-se temer em particular duas armadilhas: a das fórmulas demasiado simples e rígidas entre as quais os fatos escapam, e o das fórmulas a tal ponto multiplicadas que crescem à nomenclatura e não à clareza. Descrever, definir e classificar, para a partir daí deduzir, são operações que logicamente se fazem; mas os fenômenos naturais de ordem geográfica não se enquadram com um entusiasmo sempre dócil às categorias do espírito.
- 25 A descrição geográfica deve ser flexível e variada como o seu objeto. É muitas vezes benéfico para ela assentar na terminologia popular; sendo esta formada diretamente em contato com a natureza, tal designação captada da vida corrente, tal expressão popular ou provérbio podem esclarecer um dia uma relação, uma periodicidade, uma coincidência, tudo coisas que pertencem à geografia. Também não é sem razão que nos livros ou memórias geográficas as representações figuradas têm cada vez mais espaço. O desenho, a fotografia, entram a título de comentário na descrição. As figuras esquemáticas possuem a sua utilidade como instrumento de demonstração. Mas nada tem mais valor que o desenho como meio de análise para captar de perto a realidade, e como controle dessas observações diretas, que têm hoje nas excursões geográficas ocasião frequente para se exercer. O hábito dessas lições itinerantes é, na França, um dos mais notáveis ganhos pedagógicos dos últimos anos. É a escola do ar livre, mais higiênica e mais eficaz que todas as outras. Escolhe antecipadamente os seus textos, quer dizer as paisagens onde se recolhe, numa perspectiva mais fácil de compreender,

esse conjunto de traços caraterísticos que gravam no espírito do geógrafo a ideia de região.

VI. A geografia e a história

- 26 Não é preciso dizer que nessa fisionomia o homem, direta ou indiretamente, através da sua presença, pelas suas ações ou pela consequência das suas ações, impõe-se sempre à atenção. Ele também é um dos agentes poderosos que contribuem para modificar as superfícies. Classifica-se, a este título, entre os fatores geográficos de primeira ordem. A sua ação sobre a Terra já é longa; existem poucas partes que não possuam cicatrizes da sua ação. Pode-se dizer que dele depende o equilíbrio atual do mundo vivo.
- 27 É toda uma outra questão a de saber que influência as condições geográficas exerceram sobre os seus destinos e particularmente sobre a sua história. Só posso aflorar aqui este ponto importante. A história e a geografia são companheiras antigas que caminharam lado a lado por muito tempo e que, como acontece entre velhos conhecidos, perderam o hábito de discernir as diferenças que as separam. A minha intenção não é afetar a harmonia dessa relação. É útil, contudo, que continuando a prestar serviços recíprocos, elas tenham clara consciência das divergências que existem nos seus pontos de partida e nos seus métodos. A geografia é a ciência dos lugares e não a dos homens; interessa-se pelos acontecimentos da história na medida em que põem em ação e trazem luz, nas áreas onde se produzem, propriedades, virtualidades que sem eles teriam permanecido latentes.
- 28 A história de Inglaterra é insular, a da França é construída entre o mar e o continente. O dedo da geografia está presente em ambas. Esses encadeamentos históricos têm o seu lugar na evolução dos fatos terrestres; mas quão limitado é o período de tempo que eles abrangem! É uma espécie de truísmo opor a brevidade da vida humana à duração que exige a natureza para as suas mínimas modificações: mas enfim, será preciso sobrepor quantas gerações para atingir o ponto além do qual não existe testemunho histórico, e até que a História se resuma a grandes esforços coletivos, em que já não existe história! O estudo da evolução dos fenômenos terrestres supõe o emprego de uma cronologia que difere essencialmente da História. Somos demasiadas vezes levados a esquecê-lo. É o que acontece, por exemplo, quando perante o espetáculo de civilizações desaparecidas se procura a explicação da sua decadência e das suas ruínas nas modificações climáticas. Seguramente, ocorreram tais modificações desde a época quaternária; mas pode-se aplicar os seus efeitos à história humana? Fica-se inquieto perante tais hipóteses, cuja falha menor não é contornar a questão e fechar a porta às investigações que tomam a história por base, não tendo sem dúvida dito a sua última palavra.
- 29 É tempo de concluir. Conhecemos por muito tempo a geografia incerta do seu objeto e dos seus métodos, oscilando entre a geologia e a história. Esses tempos acabaram. O que a geografia, em troca do apoio que recebe das outras ciências, pode trazer ao tesouro comum é a capacidade de não fragmentar o que a natureza une, de compreender a correspondência e a correlação dos fatos, seja no meio terrestre que os envolve, seja nos meios regionais onde eles se localizam. Existe, sem dúvida alguma, um benefício intelectual que pode estender-se a todas as aplicações do espírito. Relatando as vias através das quais a geografia chegou a esclarecer a sua finalidade e a consolidar os seus métodos, reconhecemos que foi guiada pelo desejo de observar cada vez mais

diretamente, cada vez mais atentamente, as realidades naturais. Esse método deu os seus frutos, o essencial é mantê-lo.

NOTAS

1. Esta conferência faz parte de uma série de lições pedagógicas realizadas neste ano na Escola Normal Superior.
2. Insisti neste ponto de vista no artigo intitulado: «Le principe de la Géographie générale» (*Annales de Géographie*, V, 1895-1896, p. 129-142).
3. Julius Hann, *Handbuch der Klimatologie*, Bd. I, Dritte Aufl., Stuttgart, 1908, p. 3.
4. Antinomia muitas vezes alegada, desde que Bernard Varenius a exprimiu pela primeira vez, em 1650, na sua *Geographia generalis*.
5. Ver as estampas contidas na publicação de G. Karsten e H. Schenk, *Vegetationsbilder*.
6. Ver CH. Flahault, «La nomenclature de la géographie botanique» (*Annales de Géographie*, X, 1901, p. 260-165).